

Primeira Dinastia

DINASTIA DE BORGONHA



D. Afonso Henriques *o Conquistador*

Viveu 76 anos (1109-1185)

Reinou 42 anos (1143-1185)

O rei guerreiro que fundou a nação

Da união de D. Henrique de Borgonha com D. Teresa de Leão nasce um país.

Ordenado conde pelo rei Afonso VI de Leão e Castela, fruto do sucesso nas lutas contra os mouros ao lado do rei castelhano, é D. Henrique recompensado com terras a sul do Minho — o Condado Portucalense — e a mão de D. Teresa, filha bastarda do rei.

Dessa união nasce D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal. Gentil moço, educado pela família Egas Moniz, cedo aprendeu a subverter. Aos catorze anos, o infante armou-se cavaleiro na Catedral de Zamora e cedo se torna o porta-estandarte dos nobres na disputa com D. Teresa. O cerco a Guimarães, de 1127, é o desencadear da guerra que travará daí em diante com a sua mãe.

Durante a regência, a fidalga fez-se amante do nobre galego Fernão Peres de Trava, que sucedia, no leito real, a seu irmão Bermudo. O objectivo do conde de Trava

era simples: casar-se com D. Teresa e retirar a D. Afonso Henriques o poder.

E assim se divide o Condado. D. Afonso Henriques chama a si o controlo político-militar a norte do Douro e sua mãe o das terras de Entre Douro e Minho.

Deu-se início a uma luta que só viria a ter fim com a batalha de São Mamede, em 1128, e consequente vitória da facção liderada por D. Afonso Henriques. Esta contenda é considerada, por muitos historiadores, a verdadeira génese da futura nação.

Duas opiniões divergem depois relativamente ao destino que viria a ter D. Teresa: teria sido enclausurada pelo filho no Castelo de Lanhoso; ou, após a derrota de São Mamede, acompanhada pelo conde galego Fernão Peres de Trava, teria fugido para a Galiza. Ambas as teses numa coisa estão de acordo: viria a morrer no ano de 1130.

Reivindicando um reino, parte D. Afonso Henriques à conquista de terras mouriscas, rodeado do conjunto de nobres partidários da sua visão de futuro, e bramindo maciça espada à frente dos seus exércitos. Por se saber que era um homem forte, diz a lenda que a espada pesaria cinco quilos, o que faria com que, num combate, fosse de uso ao alcance de poucos homens. A lenda refere que seriam precisos nada menos do que três homens para conseguir desarmar D. Afonso, tal era a destreza com que a esgrimia.

Nos campos alentejanos de Ourique cimenta a sua aura de escolhido por Deus. A batalha contra uma coligação de reis mouros deu-se a 25 de Julho, dia de Santiago, o *Mata-Mouros*. Um óptimo augúrio. Apesar de o inimigo ser em superioridade numérica, do lado cristão estavam a fé e a certeza de ganhar. No fim do dia, cinco reis mouros morreram às mãos do infante, aclamado rei pelas tropas. «Cinco escudos azuis esclarecidos / em sinal destes cinco reis vencidos», canta Camões n'Os *Lusíadas*. Explica-se assim a origem dos cinco escudos no brasão de Portugal.



Em 1143 ocorre um facto por muitos considerado um passo decisivo para o processo de independência. Um enviado do papa, o cardeal Guido de Vico, vem à Península para resolver várias questões administrativas da Igreja. Tem uma reunião com o rei de Castela e D. Afonso Henriques na cidade de Zamora. Admite-se (o valor que se lhe atribui é o da suposição) que o enviado papal pretendeu que os dois primos não tivessem tanta discórdia nem contendas, que favoreciam os mouros, pondo assim em perigo os interesses da cristandade.

Refere-se, na contemporaneidade, que chegou mesmo a haver um tratado, o de Zamora. O que se sabe é que existiu uma carta de D. Afonso Henriques, enviada em Dezembro desse ano, ao papa em que afirma que se constituía, a ele e aos seus sucessores, «censual» da Igreja de Roma e se declarava a si próprio «homem e cavaleiro do papa e de São Pedro, sob a condição da Santa Sé de o defender de quaisquer outros poderes eclesiásticos ou civis».

A palavra censual é equivalente a dependente e obrigava a um pagamento, que foi fixado nessa mesma declaração, de quatro onças de ouro. Mas só em 1179 vê o reconhecimento, pela Santa Sé, da sua realeza. É verdade que esta concessão foi extraída por um presente de mil moedas, mas a realidade é que a independência era desde há muito um facto consumado.

Senhor dos seus domínios, necessitava o rei de uma rainha, e o reino de um sucessor. A eleita foi D. Mafalda, filha de Amadeu III de Maurienne e de Sabóia. Com este matrimónio atinge D. Afonso Henriques dois dos seus principais propósitos: a legitimação perante a Santa Sé e a reaproximação à linhagem familiar de seu pai, D. Henrique de Borgonha.



Determinado a alargar o território, vai descendo para Sul e reconquistando as terras antes tomadas pelos mouros. Em 1147 ocupa Santarém e Lisboa, cidade conquistada com a ajuda dos cruzados que seguiam para a Terra Santa. Sucederam-se Palmela, Almada, Sintra, Beja, Évora, Moura, Serpa e Sesimbra. Em Badajoz conhece, com sessenta anos, a sua primeira derrota, ficando ferido numa perna e prisioneiro. Um cronista da época refere que terá pago trinta e cinco cavalgaduras carregadas de ouro pela sua libertação, ou seja, mais de dois mil e quinhentos quilos do precioso metal.

Monarca habilidoso, nas armas e no intelecto, soube tirar partido dos jogos de interesses feudais, recorrendo à população, que o idolatrava. Nos escritos que nos chegaram fala-se muito no clero — era o clero que sabia escrever, pois desde muito cedo, mosteiros e abadias tiveram os seus cartórios — e na nobreza. Mas há vestígios que provam que o povo foi peça determinante na independência nascente.

Viria o rei a falecer aos setenta e seis anos, a 6 de Dezembro de 1185. Governou o reino durante quarenta e dois anos e deixou como legado uma nação.

A primeira amante real

Mas nem só de guerras vive um homem. Ao criar o Reino de Portugal, D. Afonso Henriques inicia também, o não menos histórico legado de barregãs e bastardos.

É Chamoá Gomes muito justamente aclamada de primeira amante real. Filha de Gomes Nunes de Pombeiro, antigo conde de Toroño, desde cedo se encontra ligada à régia família, pois era sobrinha, por sua mãe, de Fernão Peres de Trava. De D. Afonso Henriques, teve um filho, de seu nome D. Fernando Afonso.

Em relação a um outro seu filho bastardo, Pedro Afonso, que foi senhor de Araga e Pedrógão, não se conhece quem era a mãe.

Outro caso narrado dá conta de que D. Afonso Henriques terá ido visitar o conde D. Gonçalo de Sousa à sua quinta. Enquanto o conde mandava preparar o banquete, o rei envolveu-se com a condessa, sendo, à volta do conde, surpreendido em actos menos abonatórios. O conde diz ao rei que a comida está pronta e pede-lhe que se levante. Enquanto D. Afonso Henriques se dedicava ao repasto, o conde cortou o cabelo à condessa, montou-a numa besta de carga voltada para a cauda do animal, e devolveu-a aos pais.

Na vida do monarca surge ainda outra amante, de nome Elvira Gualter, com quem terá tido mais duas filhas: D. Teresa Afonso e D. Urraca Afonso.

Compreenda-se, a espada de D. Afonso Henriques era lendária e as senhoras do reino adoravam ouvir de sua história.



D. MAFALDA DE SABÓIA

Rainha de partos difíceis

Quando tratou de se casar, foi sobre D. Mafalda de Sabóia, também conhecida como Matilde, condessa de Sabóia e Maurienne, que recaiu a escolha de D. Afonso Henriques. Um rei sem descendência legítima não pode assegurar futuro para o seu reino, pelo que era necessário consumir matrimónio.

Mulher de partos difíceis, feitio complicado e de real teimosia, D. Mafalda não primava pela bondade. Pelos menos assim é descrita por vários cronistas, apoiados, por exemplo, nos conflitos constantes entre a rainha e o prior de Santa Cruz de Coimbra, São Teotónio.

Conta-se que, certa vez, se encontrava D. Mafalda em trabalho de parto e quase às portas da morte, mandou chamar

o prior. Com a bênção de São Teotónio, a rainha conseguiu ter o filho e sobreviver. Como paga, mandou fazer um quadro em honra de São Teotónio. Foi, no entanto, esta paz temporária. Querendo, certa vez, D. Mafalda visitar o claustro interior do Mosteiro de Santa Clara, e vendo-lhe negada a entrada pelo prior, para não infringir as regras da instituição, D. Mafalda passou a persegui-lo.

D. Mafalda era filha do conde Amadeu III de Sabóia e da sua esposa, D. Mafalda de Albón. Nasceu em 1125 na Casa de Sabóia e casou-se com D. Afonso Henriques em 1146. À data, tinha vinte e um anos e o rei trinta e sete. Diz-se que veio a encontrar um marido que amava outra mulher, de quem já teria, inclusive, um filho.

D. Mafalda teve de lidar com as constantes ausências e infidelidades do marido. Homem de luta e de conquistas, não perdeu tempo, e assim que se casou, D. Afonso Henriques partiu de novo para a guerra contra os sarracenos.

Sob o estigma da infelicidade, a rainha, sozinha e desgostosa, dedicava-se à caridade e à devoção, vestindo muitas vezes o hábito da Ordem Terceira.

Pela devoção, fundou o Mosteiro da Costa, em Guimarães, e várias outras igrejas. Fundou ainda uma albergaria para peregrinos e pobres e uma igreja em Canaveses. Foi ela que estabeleceu o serviço de dois barcos no rio Douro e é-lhe atribuída também a construção de duas pontes, no Douro e no Tâmega. Entre os seus legados contam-se sete filhos, em cumprimento da função materna e resultado dos doze anos de casamento com D. Afonso Henriques.

Foram fruto desta relação D. Henrique, que morreu em criança; D. Mafalda, que teve casamento planeado com o rei Afonso II de Aragão, mas faleceu jovem; D. Urraca, que se casou com o rei Fernando II de Leão; D. Sancho I, futuro rei de Portugal de 1154 a 1211; D. Teresa, que se casou com Filipe I, conde da Flandres, e que viria a casar-se novamente com Eudes III, duque da Borgonha; D. João, infante

de Portugal, que morreu em criança, e D. Sancha, infanta de Portugal, que também faleceu jovem. Terá sido vítima de complicações de parto desta última que D. Mafalda viria a perecer. Estávamos a 4 de Novembro de 1157. Foi sepultada no Mosteiro de Santa Cruz em Coimbra. Foi do único modo que conseguiu entrar no interior dos seus claustros.

ÍNDICE

D. Afonso Henriques — <i>o Conquistador</i>	
O rei guerreiro que fundou a nação	9
A primeira amante real	12
D. Mafalda de Sabóia. Rainha de partos difíceis	13
D. Sancho I — <i>o Povoador</i>	
Procriador, fez povoar o reino	17
Fiel até à morte	19
D. Dulce de Aragão. Ponderada e séria	20
D. Afonso II — <i>o Gordo</i>	
O reino é meu, sou eu quem manda	23
Dúvidas e interrogações	26
D. Urraca de Castela. Formosa e supersticiosa	26
D. Sancho II — <i>o Capelo</i>	
Forte na luta, fraco no Governo	29
Por saias e alcovas não se fez encantar	31
D. Mécia Lopes de Haro. Sem filhos não faz falta	31
D. Afonso III — <i>o Bolonhês</i>	
Um administrador exemplar	35
Bigamia e senso de oportunidade	37
D. Beatriz de Castela e Gusmão. Jovem e rabuda, pouco tinha de burra	39
D. Dinis — <i>o Lavrador</i>	
Um visionário à frente do reino	41
Perdoadas as saídas nocturnas	43
D. Isabel. Rainha que se tornou santa	44
D. Afonso IV — <i>o Bravo</i>	
Inimizade e crueldade em família	47
D. Beatriz de Castela. Não há amor como o primeiro	49

D. Pedro I — <i>o Justiceiro</i>	
Morta a amada, venha a vingança	51
A história de um amor impossível	53
D. Constança Manuel de Castela. Triste a rainha que o esposo outra ama	56
D. Fernando I — <i>o Formoso</i>	
Ao cheio cofre se vê o fundo	59
Amador de mulheres	62
D. Leonor Teles. Pelo bem de Portugal nada fez	63
D. João I — <i>o de Boa Memória</i>	
De filho bastardo a rei atarefado	67
A Sala das Pegas	70
D. Filipa de Lencastre. Só génios concebia	70
D. Duarte — <i>o Eloquente</i>	
Sabedoria que enriquece o reino	73
D. Leonor de Aragão. A triste rainha, destinada a fracassar	75
D. Afonso V — <i>o Africano</i>	
Vencedor pela espada, impotente às intrigas	79
D. Isabel de Lencastre. Amor e tormenta	83
D. João II — <i>o Príncipe Perfeito</i>	
Despótico e metódico	85
D. Leonor de Lencastre. Desgostosa mas bondosa	88
D. Manuel I — <i>o Venturoso</i>	
Sorte e fortuna para aumentar o império	91
D. Isabel de Castela. A demanda pela Coroa ibérica	94
D. Maria de Aragão e Castela. A cara-metade do rei	96
D. Leonor da Áustria. O casamento surpresa	97
D. João III — <i>o Piedoso</i>	
Rico em terras, pobre em ouro	99
D. Catarina da Áustria. Devota e paciente aos desvarios do marido	103
D. Sebastião — <i>o Desejado</i>	
Triste o fado do encoberto império	105
Gonorreia: arcaico sinónimo de homossexualidade?	109
D. Henrique I — <i>o Casto</i>	
Mais perto de Deus do que do reino	111

ÍNDICE

D. António, prior do Crato	114
D. Filipe I — <i>o Prudente</i>	
O rei burocrata e promessas não cumpridas	117
Quatro rainhas e fraca descendência	120
D. Filipe II — <i>o Pio</i>	
O rei que nunca quis governar	125
D. Margarida da Áustria. Padres, freiras e visões	127
D. Filipe III — <i>o Grande</i>	
O fim do reinado ibérico	129
Viúvo, casou-se com a sobrinha, mas a todas namorava	131
Isabel de Bourbon. Mais rainha do que o rei	132
D. Maria Ana de Áustria	133
D. João IV — <i>o Restaurador</i>	
De novo, independentes. Um rei não precisa de coroa	137
Da música e das saias, a rei	139
D. Luísa de Gusmão. Antes rainha uma hora do que duquesa toda a vida	140
D. Afonso VI — <i>o Vitorioso</i>	
Vencedor ou derrotado impotente?	143
D. Maria Francisca de Sabóia. Matrimónio não consumado	146
D. Pedro II — <i>o Pacífico</i>	
Saca o reino ao irmão e aufere da cunhada	149
Barregãs, feitiços e outros tais	151
D. Maria Francisca Isabel de Sabóia. Rainha duas vezes	152
D. Maria Sofia de Neubourg. O oposto da sua antecessora	153
D. João V — <i>o Magnânimo</i>	
Devoto a Deus e a freiras	155
O <i>Freirático</i>	159
D. Maria Ana da Áustria. Ao convento opôs o palácio	160
D. José I — <i>o Reformador</i>	
O rei reina, mas quem manda é o Marquês	163
Exímio na arte de bem cavalgar	166
D. Mariana Vitória de Bourbon. A arte de bem disparar	166
D. Maria I — <i>a Piedosa</i>	
A mãe do povo que sucumbe louca	169
D. Pedro III. Se for sobre o reino, quem trata é a rainha	172

D. João VI — <i>o Clemente</i>	
No Brasil nem se vive mal	175
Os amores de D. João V	177
D. Carlota Joaquina Teresa Caetana de Bourbon e Bourbon — A megera de Queluz. Uma laranja por um reino	178
D. Pedro IV — <i>o Libertador</i>	
Muitos filhos, curta governação	181
Prolífera actividade real	183
D. Leopoldina Josefa Carolina. Sábia e submissa	184
D. Maria Amélia Eugénia Napoleão de Leuchtenberg. Frágil e discreta	185
D. Miguel I — <i>o Absolutista</i>	
O menino da mamã quis mandar	187
Amantes, noivas e esposas	189
D. Maria II — <i>a Tirana</i>	
Que venham os revoltosos	191
D. Augusto de Leuchtenberg. Rei por dois meses	193
D. Fernando de Saxe-Coburgo. O príncipe da Pena, regente quatro vezes	194
D. Pedro V — <i>o Esperançoso</i>	
O espírito é tudo. O reino do amor	197
D. Estefânia de Hohenzollern-Sigmaringen. Eterna amada	201
D. Luís I — <i>o Popular</i>	
O mundo é o meu reino	205
Artes de bem trair	207
D. Maria Pia de Sabóia. «Quem quer rainhas, paga-as!»	207
D. Carlos I — <i>o Diplomata</i>	
Morto pela república	209
Rei de muitos desportos e de náuticas orgias	212
D. Maria Amélia Luísa Helena de Orleães. Às artes diversas dedicada	213
D. Manuel II — <i>o Desventuroso</i>	
O último rei	215
Amor em tempo de guerra	217
D. Vitória Augusta de Hohenzollern-Sigmaringen. Sem título nem reino	218
Reis e rainhas de Portugal	219
Bibliografia	225